

**Folha de S. Paulo**

**8/11/1999**

## **ECONOMIA**

### **Agricultura extingue 60 mil empregos**

*Bóias-frias passam de 90 mil neste ano; sindicato prevê extinção em cinco anos*

MARCELO TOLEDO

free-lance para a Folha Ribeirão

O número de trabalhadores rurais nas lavouras da região de Ribeirão Preto caiu de 90 mil, em 1989, para 30 mil atualmente.

Para sindicalistas e usineiros, o setor foi o mais prejudicado da economia por causa mecanização das lavouras e da crise no setor sucroalcooleiro.

A mesma mecanização, na opinião de sindicalistas e pesquisadores, deve extinguir os trabalhadores rurais, conhecidos como bóias-frias, em cinco anos.

Para a escritora Maria Aparecida de Moraes Silva, os bóias-frias acabarão. Autora de "Errantes do Fim do Século", em que destaca

os problemas dos bóias-frias da região, ela vê o aumento da violência como consequência do desemprego (leia texto abaixo).

Após surgir nos anos 60 com o crescimento da produção rural no país, os bóias-frias estão desaparecendo aos poucos. Os mais prejudicados são os migrantes do Vale do Jequitinhonha (MG), que estão perdendo os empregos na região de Ribeirão Preto.

Em 89, os migrantes correspondiam a 50% da mão-de-obra das lavouras da região. Hoje, o índice não chega a 25%.

Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ribeirão, Silvio Palvequeres, 38, os 30 mil bóias-frias restantes estão distribuídos em 29 usinas.

"As máquinas acabaram com 40 mil empregos. Em cinco anos, pode acabar a categoria", disse. Segundo ele, já há 500 colheitadeiras nas usinas da região.

Com as diversas crises do setor sucroalcooleiro, principalmente nesta década, as cidades que dependiam da cana, como Guariba, Barrinha e Dobrada, enfrentam dificuldades financeiras.

"Os trabalhadores não têm outra alternativa", afirmou o prefeito de Guariba, Hermínio de Laurentiz Neto (PSDB).

As migrações dos Estados do Piauí, Bahia, Paraná e, principalmente, Minas Gerais ainda existem, mas foram reduzidas, segundo o sindicato da categoria.

O número diminui a cada ano. Não sei se voltarei ano que vem", afirmou o bóia-fria Ademílson Santos, 32, migrante do Paraná.

O diretor-presidente da Usina Santa Elisa, Maurílio Biagi Filho, disse que o setor sucroalcooleiro foi o que mais contratou neste ano. "Mas os trabalhadores têm razão. A cada ano o número diminui". Para ele, a categoria não acabará. "Ela vai estagnar."

Segundo ele, devido à crise, os empresários preferiram investir neste ano em funcionários. "Eles não tinham R\$ 300 mil para comprar uma máquina", afirmou.

Para Palvequeres, a mecanização é o fator principal do desemprego, mas há outros problemas para os migrantes, como o preço da tonelada de cana.

"Hoje o preço é R\$ 1,34. É muito baixo", afirmou. A saída para a não extinção da categoria, segundo ele, seria um pacto entre governo, usinas e sindicatos.

Os migrantes, além do Vale do Jequitinhonha, chegam à região provenientes da Bahia, Piauí e Paraná, entre outros.

Segundo a pastoral do migrante, de Guariba, há 9.500 migrantes na região, menos da metade do que há dez anos. "Dela, apenas 1% tem 2º grau", disse a coordenadora Lourdes Batisti.

Os salários variam de R\$ 250 a 400. "Muitos desistem."

O sindicato informou que tentou melhorar a situação por meio de um acordo com os usineiros, que acabou impedido pela crise.

***(Folha Ribeirão — Página 1)***